

JOHN UPDIKE

# AS BRUXAS DE EASTWICK

*Tradução*

Fernanda Abreu



---

COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1984 by John Updike  
Publicado mediante acordo com Alfred A. Knopf,  
uma divisão da Random House, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The witches of Eastwick

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Cacilda Guerra

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Updike, John, 1932-2009.

As bruxas de Eastwick / John Updike; tradução Fernanda  
Abreu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The witches of Eastwick.

ISBN 978-85-359-1683-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

10-04885

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# SUMÁRIO

1. O sabá 7
2. *Maleficia* 142
3. Culpa 246

Sobre o autor 355

## 1. O SABÁ

*Era um homem grande e preto feito uma rocha,  
muito frio.*

Isobel Growdie, em 1662

*Então, depois de terminadas as suas admoestações,  
o diabo desceu do púlpito e fez todos os presentes se  
aproximarem para lhe beijar as orelhas, que todos  
disseram serem frias como gelo; aqueles que nele  
tocaram acharam o seu corpo áspero como um fio  
grosseiro.*

Agnes Sampson, em 1590

“E, AH, SIM”, disse Jane Smart com seu jeito ao mesmo tempo afobado e decidido; cada esse parecia a pontinha negra de um fósforo recém-apagado mantida rente à pele em uma brincadeira de queimar, como fazem as crianças. “Sukie disse que um homem comprou a mansão Lenox.”

“Um homem?”, perguntou Alexandra Spofford, sentindo-se fora de prumo, com a aura tranquila da manhã desequilibrada por aquela palavra assertiva.

“De Nova York”, continuou Jane, apressada, quase ladrando a última sílaba, engolindo o erre com sua pronúncia à moda de Massachusetts. “Parece que não tem mulher nem família.”

“Ah. Um daqueles.” Ao ouvir a voz setentrional de Jane lhe trazer esse boato de um homossexual vindo de Manhattan para invadi-las, Alexandra sentiu-se dividida ali onde estava, naquele misterioso e irritadiço estado de Rhode Island. Havia nascido no Oeste, onde montanhas brancas e roxas se erguem tentando alcançar as altas e delicadas nuvens, e arbustos arrancados pelo vento rolam tentando alcançar o horizonte.

“Sukie não tinha tanta certeza”, disse Jane depressa, moderando os esses. “Ele tem um aspecto bem másculo. Ela ficou

impressionada com a quantidade de pelos nas costas das mãos dele. Lá na imobiliária Perley, ele disse que precisava daquele espaço todo porque é inventor e tem um laboratório. E ele tem vários pianos.”

Alexandra deu uma risadinha; o ruído, que pouco havia mudado desde sua infância no Colorado, parecia vir não de sua garganta, e sim de um espírito semelhante a um pássaro encarapitado em seu ombro. Na verdade, o telefone estava deixando sua orelha dolorida. E seu antebraço formigava, quase dormente.

“Para que tantos pianos?”

Isso pareceu deixar Jane ofendida. Sua voz se eriçou feito o pelo de um gato preto, iridescente. Em tom defensivo, ela prosseguiu:

“Bom, Sukie só está repetindo o que Marge Perley contou a ela na reunião de ontem à noite do Comitê do Bebedouro.” Esse comitê supervisionava o plantio e, após atos de vandalismo, o replantio de um grande bebedouro de mármore azul para cavalos que era um marco histórico do centro de Eastwick, no cruzamento de duas ruas principais; a cidade tinha o formato de um L, encaixada em volta de um trecho acidentado do litoral da baía de Narragansett. A Dock Street era a rua comercial da cidade, enquanto a Oak Street, perpendicular, abrigava lindas residências antigas. Marge Perley, cujas horrorosas placas amarelo-canário de “Vende-se” apareciam e desapareciam de árvores e cercas conforme a maré da economia e da moda (durante muitas décadas, Eastwick havia enfrentado uma semirrecessão e um semiostracismo, as pessoas chegavam e saíam da cidade), era uma mulher muito maquiada, de temperamento decidido, que, se de fato fosse uma delas, era uma bruxa inteiramente diferente de Jane, Alexandra e Sukie. Marge tinha marido, um minúsculo e nervoso Homer Perley, sempre a podar sua sebe de forsítias até deixá-la bem rente, e isso fazia diferença. “Os documentos foram assinados em Providence”, explicou Jane, enfatizando o *nce* com força nos ouvidos de Alexandra.

“E com as costas das mãos peludas”, ponderou Alexandra em voz alta. Junto a seu rosto pairava a superfície levemente ris-

cada, descascada e várias vezes repintada de uma porta de armário de cozinha feita de madeira; Alexandra teve consciência da fúria atômica que rodopiava e escorregava sob aquela superfície, qual um redemoinho causado pela vista cansada. Como em uma bola de cristal, viu que iria conhecer e se apaixonar por esse homem, e que nada de bom viria disso. “Ele não tem nome?”, perguntou.

“Isso é o mais idiota de tudo”, disse Jane Smart. “Marge contou para Sukie e Sukie me contou, mas alguma coisa afugentou o nome da minha cabeça. É um desses sobrenomes com partícula: ‘van’... ‘von’... ‘de’...”

“Que maravilha”, comentou Alexandra já se dilatando, já se expandindo para ser invadida. Um europeu alto e moreno, expulso de seu antigo passado heráldico, viajando sob o peso de uma maldição... “Quando é que ele vai se mudar?”

“Ela disse que ele disse que seria em breve. Vai ver já está lá!” A voz de Jane soava alarmada. Alexandra imaginou as sobranceiras da outra, um pouco fartas demais (em comparação com o resto de seu rosto contraído), erguendo-se para formar semicírculos acima de seus olhos ressentidos, cujo castanho era sempre um tom mais claro do que a lembrança que se tinha deles. Se Alexandra era a bruxa grandalhona, de estilo exuberante, tentando sempre ser discreta para passar outra impressão e se misturar à paisagem, no fundo um tanto preguiçosa e fundamentalmente fria, Jane era quente, baixinha, concentrada como a ponta de um lápis, enquanto Sukie Rougemont, ocupada o dia inteiro no centro da cidade coletando notícias e sorrindo ao dar bom-dia, tinha uma essência volátil. Foi isso que Alexandra pensou ao desligar. As coisas vêm em trios. E a magia ocorre à nossa volta o tempo todo conforme a natureza procura e encontra as formas inevitáveis, e as coisas cristalinas e orgânicas vão se organizando em ângulos de sessenta graus, uma vez que o triângulo equilátero é a mãe de todas as estruturas.

Alexandra voltou então ao preparo de vidros de molho para espaguete, molho para mais espaguete do que ela e os filhos seriam capazes de consumir mesmo que tivessem sido enfeiti-

çados e condenados a passar cem anos dentro de um conto de fadas italiano, vidros e mais vidros retirados, fumegantes, do painel azul sarapintado de branco em cima da grelha de metal redonda trêmula e sibilante. Percebeu vagamente que isso era uma espécie de ridículo tributo ao seu atual amante, um encanador de origem italiana. A receita de Alexandra levava cebola, dois dentes de alho picados e salteados por três minutos em azeite quente (nem mais, nem menos; era essa a magia), bastante açúcar para contrabalançar a acidez, uma única cenoura ralada, mais pimenta do que sal; mas a colher de chá de manjeriço picado era o que dava ao molho a sua virilidade, e a pitada de beladona proporcionava a libertação sem a qual a virilidade não passa de uma congestão assassina. Tudo isso devia ser acrescentado aos seus próprios tomates, colhidos e guardados em cada peitoril de janela durante as últimas semanas e agora cortados e levados ao liquidificador — desde que, dois verões antes, Joe Marino havia começado a frequentar sua cama, uma absurda fecundidade tomara conta dos pés de tomate plantados no jardim lateral onde o sol do sudoeste batia enviesado por entre as fileiras de salgueiros durante as longas tardes. Os pequenos galhos retorcidos dos tomates, suculentos e descorados como se feitos de um papel verde barato, se quebravam com o peso de tantos frutos; havia algo de frenético em tamanha fertilidade, uma histeria parecida com a de crianças ansiosas para agradar. Dentre todas as plantas, os tomates pareciam as mais humanas, ansiosas e frágeis, vulneráveis à deterioração. Ao colher as polpudas esferas vermelho-alaranjadas, Alexandra tinha a impressão de estar segurando na mão os testículos de um gigantesco amante. Enquanto se atarefava na cozinha, reconhecia o quê de tristemente menstrual em tudo aquilo, o molho parecido com sangue a ser despejado sobre o branco espaguete. As grossas tiras brancas iriam se transformar em sua própria gordura branca. Sua luta feminina contra o próprio peso: aos trinta e oito anos, ela achava isso cada vez menos natural. Será que para atrair o amor ela precisava negar o próprio corpo, como uma santa neurótica de antigamente? A natureza é o indicador e o

contexto de toda saúde e, se temos um apetite, ele está lá para ser saciado, satisfazendo assim a ordem cósmica. Mas apesar disso ela às vezes desprezava a si mesma por ser preguiçosa, por ter arrumado um amante de uma ascendência tão reputadamente tolerante em relação à corpulência.

Nos poucos anos desde o seu divórcio, os amantes de Alexandra tendiam a ser maridos esparsos cujas esposas, suas donas, lhes permitiam passear de vez em quando. Seu próprio ex-marido, Oswald Spofford, repousava dentro de um vidro com a tampa de rosca bem fechada em uma prateleira alta da cozinha, reduzido a um pó multicolorido. Era a isso que ela o havia reduzido quando seus poderes se revelaram após a mudança de Norwich, Connecticut, para Eastwick. Especialista em cromo, Ozzie fora transferido de uma fábrica de metais naquela cidadezinha montanhosa, com seu excesso de igrejas brancas descascadas, para uma empresa concorrente em um complexo industrial de cimento de quase um quilômetro de comprimento ao sul de Providence, em meio à estranha vastidão industrial daquele pequeno estado. Fazia sete anos que haviam se mudado para lá. Ali, em Rhode Island, seus poderes tinham se expandido como um gás em ambiente a vácuo, e, enquanto o caro Ozzie fazia o trajeto diário de ida e volta do trabalho pela rodovia 4, ela primeiro o reduzira ao tamanho de um mero homem, despindo de seu corpo a armadura de protetor patriarcal graças à maresia corrosiva da beleza maternal de Eastwick, e depois ao tamanho de uma criança, à medida que as suas carências crônicas e a sua igualmente crônica aceitação das soluções por ela propostas o faziam parecer fraco e manipulável. Ele literalmente perdera o contato com o universo em expansão dentro dela. Havia se deixado envolver excessivamente pelas atividades de seus filhos na Liga Juvenil de beisebol e do time de boliche da fábrica de metais. À medida que Alexandra arrumou primeiro um amante, e depois vários, seu marido corno foi reduzido à dimensão e à secura de uma boneca, deitado ao seu lado durante a noite na ampla e receptiva cama como um tronco de árvore pintado adquirido em alguma barraca de beira de estrada, ou um jacaré



bebê empalhado. Quando eles de fato se divorciaram, seu antigo mestre e senhor se transformara em pó — matéria no lugar errado, como definira de forma sucinta a mãe de Alexandra tempos antes —, uma espécie de pó multicolorido que ela havia varrido e guardado de lembrança dentro de um vidro.

As outras bruxas haviam passado por transformações semelhantes em seus casamentos; o ex-marido de Jane Smart, Sam, estava pendurado no porão da casa de fazenda dela, em meio às ervas secas e poções, sendo ocasionalmente salpicado em algum filtro, uma pitadinha por vez, para dar um sabor picante; e Sukie Rougemont havia plastificado o seu e o usava como jogo americano. Esse último acontecimento havia sido bem recente; Alexandra ainda podia ver Monty em pé nas festas, vestido com seu paletó de madras e sua calça verde vivo, gabando-se dos detalhes da partida de golfe do dia e criticando o vagaroso quarteto feminino que os havia atrasado o dia inteiro sem nunca os convidar a passar na sua frente. Ele detestava mulheres arrogantes — governadoras, históricas que protestavam contra a guerra, médicas, a primeira-dama, Lady Bird Johnson, e até suas duas filhas, Lynda Bird e Luci Baines. Achava todas elas umas machonas. Quando bostejava, Monty exibia uns dentes incríveis, compridos e muito certinhos mas não falsos, e sem roupa exibia pernas um tanto comoventes, magras e azuladas, bem menos musculosas do que os antebraços bronzeados de golfista. E ele tinha aquelas nádegas franzidas e flácidas que muitas vezes se via no corpo amolecido de mulheres de meia-idade. Monty fora um dos primeiros amantes de Alexandra. Agora, era estranho e estranhamente agradável pousar uma caneca do forte café de Sukie sobre o lustroso jogo americano estampado de madras, deixando nele um círculo marcado.

O ar de Eastwick dava poder às mulheres. Alexandra nunca havia provado nada parecido, exceto talvez em um canto de Wyoming, que atravessara de carro com os pais quando tinha mais ou menos onze anos. Eles a haviam deixado descer do carro para fazer xixi ao lado de um arbusto de sálvia e ela pensara, ao ver a terra seca de altitude momentaneamente ume-

decida pela mancha escura: *Não tem importância. Vai evaporar.* A natureza absorve tudo. Essa atitude de menina a acompanhara desde então, junto com o aroma doce de sálvia daquele instante à beira da estrada. Eastwick, por sua vez, era beijada pelo mar a cada instante. A Dock Street, com suas elegantes lojas de velas perfumadas e arremates para cordinhas de persiana feitos de vidro artesanal oferecidos aos turistas de verão, seu restaurante antiquado com balcão de alumínio ao lado da padaria, o barbeiro contíguo a uma casa de molduras, a pequena e movimentada redação de jornal e a comprida loja de ferragens administrada por armênios, era indissociável da água salgada que escorria, deslizava e escoava pelas canaletas e entre as estacas sobre as quais a rua havia sido parcialmente construída, de modo que um brilho sinuoso de mar, estriado e cor de água-marinha, cintilava e tremulava nos rostos das matronas da cidade enquanto elas carregavam suco de laranja e leite desnatado, carne para o almoço, pão integral e cigarros com filtro comprados na mercearia Bay Superette. O verdadeiro supermercado, onde se fazia as compras semanais, ficava mais distante do mar, no trecho de Eastwick outrora ocupado por terras agrícolas; ali, no século XVIII, latifundiários aristocratas, donos de grande quantidade de escravos e gado, visitavam uns aos outros a cavalo, com um escravo a galope na frente para abrir sucessivos portões. Agora, nos hectares asfaltados do estacionamento do shopping, a fumaça dos canos de descarga tingia com vapores de chumbo o ar da lembrança oxigenado por campos de repolhos e batatas. Lá onde o milho, esse notável artefato agrícola dos índios, havia brotado durante gerações, pequenas empresas sem janelas chamadas Dataprobe ou Computech fabricavam mistérios, componentes tão pequenos que os operários usavam gorros de plástico para evitar que a caspa caísse dentro das minúsculas peças eletromecânicas.

Embora conhecido por ser o menor dos cinquenta estados da federação, Rhode Island ainda assim abriga uma estranha vastidão norte-americana, trechos quase inexplorados em meio a regiões industriais, casas abandonadas e mansões deser-

tas, terrenos vazios atravessados apressadamente por estradas pretas e retas, áreas alagadas que parecem pântanos e praias desertas de ambos os lados da baía, essa imensa cunha de água cravada qual uma estaca até o coração do estado e sua capital de nome religioso, Providence. “Os confins da criação”, “o esgoto da Nova Inglaterra”: era assim que Cotton Mather\* se referia a essa região. Jamais prevista para ser uma entidade independente, povoada por marginais como a herege e condenada Anne Hutchinson, esse território contém uma infinidade de meandros e vincos. Sua placa rodoviária preferida mostra um par de flechas apontando cada qual para um lado. Pobre e pantanosa em alguns trechos, em outros se transformou no parque de diversões dos extremamente ricos. Refúgio de quacres e antinomianos, últimos estágios do puritanismo, é administrada por católicos, cujas chamativas igrejas vitorianas parecem navios de carga em meio a um mar de arquitetura desinteressante. Lá se pode ver uma espécie de mancha metálica verde, entranhada bem fundo nas telhas que datam da época da Grande Depressão, que não existe em nenhum outro lugar. Uma vez atravessada a fronteira do estado, seja em Pawtucket ou Westerly, ocorre uma sutil mudança, um alegre desequilíbrio, um desprezo pelas aparências, uma quimérica falta de interesse. Para lá dos barracos de ripas de madeira abrem-se descampados lunares onde apenas uma venda de beira de estrada oferecendo os fantasmas dos pepinos em conserva do último verão trai a presença ansiosa e perturbadora do homem.

Era esse trecho deserto que Alexandra agora percorria de carro para dar uma olhada na velha mansão Lenox. Dentro de sua caminhonete Subaru cor de abóbora, levava consigo seu labrador preto, Carvão. Ela havia deixado os últimos vidros esterilizados de molho esfriando na bancada da cozinha e,

\* Pastor que acusou supostos praticantes de feitiçaria nos famosos julgamentos das “bruxas de Salém”, vilarejo da Nova Inglaterra, em 1692, que resultaram na condenação de dezenove pessoas à forca. (N. T.)